

## O Ensino na pandemia: Uma análise comparativa do Dispositivo Autista de Inclusão (DAI) como nova proposta para a família com criança com Transtorno do Espectro Autista

MONTEIRO, Claudia Guerra<sup>1</sup>  
SILVA, Tânia dos Santos Alvares<sup>2</sup>  
ROSSI, Rosemary<sup>3</sup>  
MONTEIRO, Fernanda Cristina Bassetto<sup>4</sup>  
LIRA, Ana Beatriz Pinheiro<sup>5</sup>

**Resumo:** A proposta, neste artigo, é apresentar os resultados de uma investigação sobre as representações de famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) diante do novo contexto de isolamento social e do ensino remoto provocado pela pandemia da COVID-19 e analisar comparativamente, uma nova proposta metodológica sobre um dispositivo capaz de acompanhar o processo de ensino aprendizagem da criança com TEA, no ambiente familiar, seguindo as orientações do profissional de saúde. Para isso, convidamos quatro famílias residentes em municípios localizados na região norte do Estado do Paraná. A escolha dos municípios se deu de forma aleatória, para que pudéssemos analisar de forma comparativa os dados extraídos dos relatos com a proposta do *Dispositivo Autista de Inclusão* (DAI), financiado pelo programa PROEMEND/2021, da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do Amazonas (FAPEAM), por meio da Emenda da parlamentar Therezinha Ruiz. Foi escolhido, com isso, um representante por família que respondeu a uma enquete *on line* com o seguinte questionamento: *Como tem sido a adaptação da criança ou adolescente com TEA frente à nova rotina de isolamento social e ao ensino remoto impostos pela pandemia? Os dados obtidos a partir das respostas ao questionamento formaram nosso objeto de discussão e são debatidos com base em estudos fundamentados na Psicologia Histórico-Cultural, principalmente os de Vygotsky. Concluímos que há desafios no ensino remoto, principalmente quando ele se direciona a alunos com TEA, contudo, defendemos a necessidade da criança seguir em rotina similar à da escola, coisa que o dispositivo atua mesmo em período de isolamento social, para isso, é preciso que as famílias sigam somando esforços para auxiliarem seus filhos neste novo cenário e, que a escola, os professores, os profissionais de saúde e a família continuem buscando maneiras de se reinventarem, com ações inclusivas, cujo foco seja a manutenção da proximidade nas relações entre *aluno/professor/escola/ Profissionais e família*.*

**Palavras-chave:** Ensino remoto. Autismo. Família.

---

<sup>1</sup> Claudia Guerra Monteiro: Dra. em Ciências da Comunicação. Mestra em Teoria e Ensino da Comunicação. Professora Titular da Faculdade de Educação. Criou o primeiro mapa tátil do Amazonas, ganhador do Prêmio Samuel Benchimol e a Primeira patente da UFAM. Finalista do Programa de Inovação Sinapse Amazonas em 2015, com o Projeto AMÃOZONAS e Finalista com o Projeto INOVATIVA BRASIL, com o Projeto Movimento Autista de Inclusão (M.A.I).

<sup>2</sup> Tânia dos Santos Alvares da Silva: Graduação em Pedagogia, Especialista em Educação de surdos, Mestra em Educação e Doutora em Educação. É professora adjunta do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e Educação Especial.

<sup>3</sup> Tânia dos Santos Alvares da Silva: Graduação em Pedagogia, Especialista em Educação de surdos, Mestra em Educação e Doutora em Educação. É professora adjunta do Departamento de Teoria e Prática da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e Educação Especial.

<sup>3</sup>Rosemary Rossi. Formada em Pedagogia e Psicologia com Especialização na área de Deficiência Auditiva, Especialização em Avaliação e intervenção em distúrbios da aprendizagem. Pós-Graduação em Gestalt- terapia Infantil, Especialização em Educação Especial e Educação Especial Inclusiva. Formação em Análise do Comportamento Aplicado para o Autismo no contexto escolar.

<sup>4</sup> Fernanda Cristina Bassetto Monteiro, Pedagoga, Fonoaudióloga e Especialista em Educação Especial e Gestão Escolar, Mestra em Educação e Presidente da Associação PRO D TEA, (Associação de Familiares e Pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

<sup>5</sup> Ana Beatriz Pinheiro Lira. Aluna do 4º período do Curso de Licenciatura em Matemática da UFAM. Trabalhou com o tema Matemática básica para crianças Autistas, no Projeto de pesquisa na disciplina de Metodologia do Trabalho Científico.

## 1 Introdução

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial de Saúde (OMS) recebeu as primeiras notificações de que várias pessoas de Wuhan, município situado no Estado de Hubei, na República Popular da China, apresentavam sintomas semelhantes aos de uma pneumonia (OMS, 2020). Eram as primeiras aparições de um “fantasma” que assombraria o mundo e deixaria diversas consequências sociais, econômicas, políticas, culturais e nas relações humanas. Em suas primeiras notificações não havia ainda informações suficientes para compreender que um novo vírus deixaria todo o planeta em um cenário semelhante ao caos, em seus mais diversos sentidos.

Os diversos países do planeta começaram a tomar providências no sentido de evitar a propagação do vírus em suas terras. No Brasil, o primeiro caso de Coronavírus foi confirmado pelo Ministério da Saúde em 26 de fevereiro de 2020. Naquele mesmo mês o canal jornalístico BBC divulgou que, “O surto do novo Coronavírus, já infectou mais de 82 mil pessoas e matou 2,7 mil” (BBC, 2020, s/p).

Muito difícil imaginar todos os acontecimentos que passaríamos a vivenciar no ano de 2020 em razão do cenário imposto pela pandemia da COVID-19. De repente, fomos tomados pelo medo de adoecer, de contribuir para o adoecimento de alguém próximo a nós, de perder um familiar ou amigo para a COVID-19, de não conseguirmos nos adaptar ou nos sentirmos improdutivos no *home office* e no ensino remoto, do pouco contato social e da diminuição nas trocas afetivas com sujeitos semelhantes a nós, e tantas outras inseguranças tão comuns a um momento de crise e inconstâncias. Para Febvre (1996, p. 61), apenas a consciência de que somos seres históricos é “[...] capaz, de nos permitir, num mundo em estado de instabilidade definitiva, viver com outros reflexos que não os do medo”.

Neste artigo tratamos de analisar comparativamente a proposta do novo dispositivo Autista de Inclusão (DAI), criado no Núcleo de Comunicação, Educação e Tecnologia, da faculdade de Educação ( FACHED/UFAM), e no Grupo de Pesquisa (PSICOTEC), com o ensino remoto trabalhado pela equipe da faculdade de Maringá, que realizou, durante a pandemia um estudo que

apresenta resultados importantes. No que poderia ser diferente se fosse usado o novo dispositivo DAI, em casa, ao invés da aula remota? Direcionado às crianças com TEA, o estudo oportunizou um “olhar” analítico diferenciado com novas possibilidades metodológicas de inclusão. O trabalho realizado com o ensino remoto junto à criança com autismo, deu-nos a oportunidade de captar e comparar, durante a investigação, como as famílias se comportam diante das representações, dos desafios, dos medos, das inseguranças e das vitórias de suas crianças com TEA.

Os responsáveis pelo atendimento às crianças com TEA, assumiram a função de “mediar” a aprendizagem à distância, trabalhando com o que Vygotsky (1998), chamou de vínculo no processo de aprendizagem dos conteúdos escolares de seus filhos.

Como *corpus* de nossa pesquisa, enviamos um questionário de forma *on line* para quatro famílias que vivem em diferentes cidades localizadas na região norte central do Estado do Paraná, que estão diretamente envolvidas com associações direcionadas à assistência da criança com autismo nestas cidades e, em razão de suas atuações e representatividades, as mesmas foram convidadas para participar deste estudo. Por meio das respostas, ficou evidente a necessidade da rotina e como é importante a organização destas famílias diante da aprendizagem de seus filhos.

As informações coletadas foram analisadas por meio da técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefevre e Lefevre (2005), com as ideias centrais das falas dos participantes sendo apresentadas em eixos temáticos. Estas concepções são discutidas com base na Psicologia Histórico-Cultural, principalmente em Vygotsky e em seu conceito de mediação do conhecimento.

Para constituir nossa pesquisa, faremos também uma revisão bibliográfica. Para Lakatos e Marconi (2006, p. 160) “a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

Esperamos que este estudo possa fomentar as discussões no sentido de se compreender a quantidade de desafios que envolvem o ensino remoto, principalmente quando ele se direciona a alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), contudo, defendemos a necessidade de que a criança continue

em rotina similar à da escola, para isso, é preciso que as famílias sigam somando esforços para auxiliar suas crianças com o ensino remoto e que a escola e os professores sigam buscando maneiras de se reinventarem, com ações inclusivas cujo foco seja a manutenção da proximidade nas relações entre aluno/professor/família e escola.

## **2. Fundamentação teórica:**

### **2.1 O Autismo e seus desmembramentos**

Por meio da Portaria n. 343, do Ministério da Educação e Cultura (MEC) de 17 de março de 2020, adotamos o ensino remoto como estratégia provisória para os alunos seguirem adquirindo novos conceitos e aprendizagens, mesmo em tempos de distanciamento social. Contudo, no que tange à criança com autismo, existem diversas barreiras em um ensino cujo principal recurso é a tecnologia, e que assume a individualização como meio.

Cunha (2013, p. 23), classifica o autismo da seguinte forma:

o transtorno do espectro autista compreende um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: 1 – comprometimentos na comunicação; 2 – dificuldades na interação social; 3 – atividades restritas e repetitivas (uma forma rígida de pensar e estereotípias).

Para a *American Psychiatric Association* (APA, 2013)<sup>6</sup>, o autismo é uma condição caracterizada pelo desenvolvimento acentuadamente anormal e prejudicado nas interações sociais, nas modalidades de comunicação e no comportamento. As características que atingem as pessoas que estão no quadro do Transtorno do Espectro Autista (TEA) são: déficits nas interações, dificuldade em compartilhar emoções e em manter uma conversa, ausência ou pouco contato visual, atraso na linguagem, dificuldade de compreensão da fala ou dos aspectos não verbais da comunicação, comportamentos restritos e/ou repetitivos, interesses específicos, movimentos estereotipados, insistência em padrões de rotina e resistência à mudanças, restrições alimentares, medo de

---

<sup>6</sup> A *American Psychiatric Association* é a principal organização profissional de psiquiatras e estudantes de psiquiatria nos Estados Unidos, e a mais influente no mundo. Seus cerca de 38 mil membros são, em sua maioria, estadunidenses, mas muitos são de vários lugares do mundo. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/>

sons e tantas outras características que tornaram um fator preponderante a indispensabilidade do que Vygotsky (1994) denominou, “mediador”, para auxiliar em seu processo de interação, aprendizagem e relação com os outros e com o mundo.

Esta necessidade da mediação constante de um adulto para a realização das tarefas remotas é um desafio enfrentado por todas as famílias, entretanto, as famílias de crianças com autismo a vivenciam com uma ênfase ainda maior. Para tentarmos compreender como estão enfrentando o isolamento social, como estão sendo desenvolvidas as atividades de ensino remoto e quais as compreensões e representações destas famílias, enviamos via WhatsApp o seguinte questionamento:

*- Como tem sido a adaptação da criança à nova rotina de isolamento social e ao ensino remoto imposto pela pandemia da COVID-19? Para responder o questionamento, as famílias foram escolhidas de forma aleatória, o único pré-requisito era que tivessem uma criança com autismo em casa. Dividimos as famílias em grupos 1, 2, 3, 4 e sorteamos os grupos e escolhemos um representante de cada grupo.*

As respostas advindas deste questionamento às famílias participantes são consideradas por meio do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) de Lefevre e Lefevre (2005), este artifício de coleta de dados pode ser caracterizado da seguinte forma, “[...] uma técnica metodológica que permite o resgate das representações sociais significativas presentes na sociedade e na cultura de um determinado universo” (ALVÂNTARA; VESCE, 2008, p. 46). Além disto, no DSC, salientam-se os principais pontos do discurso dos grupos participantes da pesquisa, ou seja, parte-se de entrevistas individuais com questões abertas onde os grupos podem exteriorizar suas ideias, descrever suas rotinas e defender suas crenças.

Estes conteúdos de mesmo sentido, reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, buscam produzir no leitor um efeito de “coletividade falando”; além disso, dão lugar a um acréscimo de densidade semântica nas representações sociais, fazendo com que uma ideia ou posicionamento dos depoentes apareça de modo “encorpado”, desenvolvido, enriquecido, desdobrado (LEFÉVRE; LEFRÉVRE e MARQUES, 2009, p.11).

### 3. A Metodologia

#### 3.1 As experiências

Deste modo, damos ênfase aos pormenores das falas dos participantes, suas principais convicções, suas ideias concretas, advindas de seu cotidiano e de suas experiências, ou seja, as concepções basilares do discurso de cada sujeito. A pessoa responsável pela participação da **família 1 foi a mãe**. Uma mulher com formação superior responsável por uma criança com TEA de oito anos e matriculada no segundo ano do ensino fundamental, de escola pública.

*Como o pai fica em casa em teletrabalho, é ele quem faz as atividades com o nosso filho. Como sou da área da saúde, antes de fechar tudo eu tinha ouvido falar que a gente ia ficar bastante tempo em casa, talvez meses... E aí eu procurei equipar mais a minha casa para ele, eu comprei um pula pula, comprei um mini ofurô, porque quando ele está muito nervoso, gosta de ficar na banheira relaxando. Ele adora água quente (REPRESENTANTE DA FAMÍLIA 1, 2020).*

Os estudos de Menezes e Perissinoto (2008), asseveram quanto à importância de que os adultos que convivem com as crianças com TEA compreenderem os sinais que elas oferecem sobre a forma como melhor se relacionam com as pessoas, com as coisas, o ambiente e o mundo. Assim, por meio do discurso do sujeito participante que representa a **Família 1**, é possível conceber que os adultos envolvidos na educação identifiquem suas inclinações a partir da percepção da iniciativa da criança em determinada ação ou área, dando continuidade às trocas, de modo que a rotina seja proposta.

Silva (2010) também defende as trocas e os *feedbacks* para que a criança com autismo entenda o que a família e dos demais espaços de convivência esperam dela em sua rotina e em seu comportamento. A mãe da **Família 1** diz ainda que, “*não tive problemas com esta questão de ficar em casa porque ele é muito caseiro e adora ficar em casa*” (Representante da Família 1, 2020), percebemos com isso que, a afetividade, o apego e a aceitação da criança

com autismo caracterizaram-se muito mais pelas respostas positivas e pela concordância às solicitações, do que pela iniciativa.

*Nós fizemos uma rotina que foi fundamental neste período, ele tinha tempo para tudo, para as refeições, para as tarefas, para a tela, pra brincar, então ele pegou esta rotina e ficou 7 meses, agora é que ele está voltando para as terapias e se adaptando à nova rotina (REPRESENTANTE DA FAMÍLIA 1, 2020).*

Conhecer algumas particularidades **da Família 1** nos faz reafirmar a ideia de que os adultos que convivem com as crianças com TEA precisam estar bem instruídos quanto a utilização de estratégias adequadas que favoreçam tanto a rotina quanto a aprendizagem das crianças autistas em tempos de pandemia.

O sujeito responsável pela participação da **Família 2** é uma Pedagoga, avó, de uma criança de 7 anos, matriculada no primeiro ano do ensino fundamental, de uma escola pública.

*Não temos rotina. Eu sou meia mole para essas coisas, eu tento não bater de frente com ele, faço o dia que ele quer. Não adianta eu forçar ele a fazer, se ele falar eu não quero fazer. Para mim está difícil para estar convencendo. Está meio complicado (REPRESENTANTE DA FAMÍLIA 3, 2020).*

Conforme Vygotsky (1994), é preciso buscar estratégias que despertem o deleite da criança pela atividade que está sendo proposta, conforme pode ser visto no discurso da avó “*Ele é muito bom na matemática, faz tudo sozinho*” (Representante da **Família 2**, 2020). Orrú (2007), considera as dificuldades fundamentais apresentadas pelas pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Para Vygotsky (1994), é necessário que a família dedique atenção ao comportamento e reação das crianças com TEA, de modo a ter subsídios para auxiliar na realização de tarefas.

Com a **Família 3**, uma mulher com formação superior, mãe e responsável por uma criança com oito anos de idade matriculada no segundo ano do ensino fundamental, de uma escola pública.

*As dificuldades foram imensas e ainda estão sendo. No começo ele não queira fazer as atividades comigo, ele ficava muito nervoso, irritado, ficava enrolando, falava de mil assuntos e não*

*queria fazer. Eu precisei pedir a ajuda de uma amiga minha que é professora e ela o ajudou no começo. Eu entendi que com professora ele acaba fazendo mais (REPRESENTANTE DA FAMÍLIA 4, 2020).*

Garton (1992), Seidl-de-Moura (2009) e Salomão (2012) desenvolveram pesquisas em que discutem a reciprocidade na adaptação mútua entre os parceiros, o que pode justificar o fato da criança da **Família 4** cooperar um pouco mais com o ensino remoto quando o mesmo é mediado pela professora. A criança pode levar em conta as características individuais da docente, sua ligação com o contexto escolar e com as atividades que estão incutidas à profissão. A mãe acrescenta ainda tais informações sobre a rotina familiar:

*aqui ele acorda cedo, então a primeira coisa do dia a fazer é a tarefa, porque se deixa para depois ele fica totalmente desconcentrado e não faz. Tem sido bem difícil. Na questão da aprendizagem também tem muita coisa que está passando por cima, principalmente sobre a matemática (REPRESENTANTE DA FAMÍLIA 4, 2020).*

Vygotsky (1997), em seus estudos sobre *defectologia*, defendeu a importância da mediação no processo de aprendizagem, e tais trocas exercem funções importantes para o desenvolvimento, a aprendizagem e a regulação da criança com autismo.

A mãe discorre ainda sobre os mecanismos midiáticos tão utilizados no ensino remoto, “*sobre os vídeos, ele não presta atenção, o celular para ele é diversão, então ele não quer usar para aula, quer ver o Youtube, os vídeos dele. A única coisa que funciona é ter alguém sentado ali ajudando, auxiliando a fazer cada tarefa*” (Representante da Família 4, 2020).

Conforme os estudos de Bosa (2002), o autismo é um transtorno que desafia os nossos conhecimentos, por isso é necessária uma constante busca por aprendizagem, formação e atualização.

A pessoa responsável pela participação **da Família 4**, uma mulher com formação superior e mãe de uma criança com 9 anos matriculada no quarto ano do ensino fundamental, de uma escola pública.



*Essa inflexibilidade dele em comprar brinquedos é o mais difícil... Ele quer ir ao shopping, na Hi Happy, na Playkids para comprar brinquedos. Ele começou a pedir para ir no shopping o dia inteiro. E o autista fala a mesma coisa o dia inteiro, várias vezes por minuto. Aí chegou o momento que nós fomos mostrar para ele que shopping estava fechado e ele voltou chorando muito, desregulado, se jogando no chão, uma loucura (REPRESENTANTE DA FAMILIA 4, 2020).*

É comum que as crianças, adolescentes e adultos com Transtorno do Espectro Autista apresentem dificuldades em regular seus comportamentos, a interação social e comunicação. Estes desajustes emocionais e sociais são apresentados em diferentes níveis. A inconstância no comportamento do sujeito com TEA é objeto de estudo de vários pesquisadores, dentre elas destacam-se Gómez; Torres; Ares (2009) Nogueira (2009).

No tocante ao ensino remoto, esta mãe discorre sobre alguns pontos de sua experiência, como:

*Consegui uma professora que atende ele uma hora por dia, então todo dia uma hora ele sai para uma atividade pedagógica, e tem sido melhor que a escola. As atividades da escola vieram sem adaptação, porque ele está no quarto ano, mas, em termos de aprendizagem, ele tem muita dificuldade, estaria no primeiro ano. Eu reclamei na escola, e eles começaram a mandar atividade bem lúdica como, jogos, livros e quase nada de escrever. Está bacana. Agora eu não quero me preocupar com o pedagógico, quero me preocupar com a saúde (REPRESENTANTE DA FAMILIA 4, 2020).*

Deve-se considerar a razão pela qual esta criança apresenta dificuldade em acompanhar a ano escolar que condiz com a sua idade, a interação social, a comunicação e o comportamento se articulam intimamente com os fatores primordiais para o desenvolvimento humano e, no autismo, estas áreas apresentam prejuízos, o que influencia de maneira “macro” no comportamento, desenvolvimento e aprendizagem da mesma.

Por fim, a instrução, a preparação e a compreensão do autismo são fatores preponderantes para que a mediação da aprendizagem no ensino remoto e a adaptação à rotina de isolamento social sejam possíveis, de modo que, por meio do relato da rotina destas crianças, compreendemos que a participação, o

desenvolvimento e a aprendizagem estão diretamente ligadas ao contexto e organização familiar.

### **3.2O Dispositivo Autista de Inclusão (DAI)**

O produto apresenta uma proposta de comunicação com as crianças autistas em seus primeiros anos de vida e logo depois da descoberta, pela família, que sua criança tem autismo. O produto foi criado no **EDUCOTEC/FACED/UFAM e PSICOTEC/FACED/UFAM**, com a finalidade de atender este público.

Só no Brasil, estima-se que haja, aproximadamente, dois milhões de crianças (em uma proporção de uma com autismo para 110 sem o transtorno, de acordo com os dados do Centro de Controle e Prevenção de Doenças, dado de 2010, órgão americano de controle).

É incapacitante e aparece tipicamente nos três primeiros anos de vida. Acomete cerca de 20 entre cada 10 mil nascidos e é quatro vezes mais comum no sexo masculino do que no feminino. É encontrado em todo o mundo e em famílias de qualquer configuração racial, étnica e social. Não se conseguiu até agora provar qualquer causa psicológica no meio ambiente dessas crianças, que possa causar a doença. (Definição da *Autism Society of American – ASA (1978) Autism Society of American= Associação Americana de Autismo*).

Analisou-se a criação de um dispositivo eletrônico que facilite a inclusão social de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista. Com financiamento de emenda parlamentar, da deputada estadual do Amazonas, profa Therezinha Ruiz, a pesquisa tem dado resultados surpreendentes.

O produto foi concebido em **duas grandes etapas: Esta primeira**, um estudo comportamental das crianças em crescimento, fruto da necessidade que há entre educadores e pais que experienciam esse contexto. Não é difícil compreender que os estágios iniciais das crianças com TEA são os mais difíceis, e que as atividades lúdicas e os jogos as ajudam a descobrir-se e desenvolver a sua lógica, bem como suas emoções e a sociabilidade.

O DAI assim, é um dispositivo funcional cuja proposta principal é diminuir esses impactos na vida das crianças com TEA. Usando uma abordagem

construtivista da aprendizagem experiencial de Dewey (1973, p. 17), e o modelo de interação social proposto por Vygotsky (1996, p.), o protótipo foi criado para ser um facilitador no processo de ensino aprendizagem, promovendo tanto a construção do conhecimento, quanto a integração social. Seu formato, redondo permite ao usuário identificar o que pretende uma vez que nela estão contidas as informações necessárias. Seu sistema é micro e controlado por dispositivos digitais, a fim de automatizar o processo de leitura dos blocos digitais.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não se espera da escola apenas o papel de transmitir conhecimentos. Além disso, ela deve ser uma difusora de novas tecnologias, a fim de permitir que seus alunos tenham chances de participar da concorrência de mercado de trabalho. Portanto o uso das novas tecnologias é uma necessidade que se mostra cada vez mais evidente. Qualquer iniciativa que venha a estimular a participação do indivíduo, quer na sala de aula, quer na sociedade, deve ser estimulada. A implantação de vários projetos de uso das novas tecnologias na sala de aula precisa ser acompanhada de um estudo mais aprofundado de viabilidade técnica e operacionalização desses projetos a fim de que boas ideias não se transformem em novos projetos fracassados.

O que se questiona é se todo esse avanço promovido pelas novas tecnologias de comunicação será capaz de contribuir para que o homem se torne um "ser" mais participante na sociedade em que vive. Historicamente, o processo de evolução dos meios através dos quais os homens se comunicam tem demonstrado que esses meios tanto podem contribuir para a participação e "libertação" do cidadão quanto para seu aprisionamento, tudo isso vai depender da forma como os meios de comunicação estão sendo utilizados

Mesmo com um número reduzido de famílias participantes nesta pesquisa, foi possível observar que conhecer os comportamentos da criança com autismo, assim como, suas frequências e em que contextos ocorrem, é de relevância para a adaptação à nova rotina de isolamento social e aprendizagem por meio do ensino remoto.

Os dados desta pesquisa reforçam que, principalmente neste momento, se ter um mediador preparado para dar continuidade ao processo de aprendizagem dos mesmos, compreendendo que os comportamentos das crianças com TEA são influenciados e devem ser considerados pelos contextos interativos, a mediação do adulto e, sobretudo, pelas particularidades de cada um, é fundamental para o seu desenvolvimento.

É preciso aprofundamento das compreensões, descobrir como e quando aprendem, seus interesses.... Utilizar brincadeiras, jogos e mecanismos lúdicos no processo de aprendizagem como subsídio eficaz na construção do conhecimento, rompendo com estratégias baseadas na intuição e com pouco respaldo teórico.

Por fim, esperamos que esta pesquisa possa cooperar com famílias de crianças com TEA, quanto com escolas que estão em busca de aperfeiçoamento para melhor atender estes alunos no contexto da pandemia da COVID-19. Compreender pormenores da nova rotina destas famílias e suas representações no tocante ao ensino remoto e ao isolamento social, reafirmam, se observar com atenção, os sinais de satisfação em ações que formam a rotina da criança para, a partir deles, se estabelecerem as trocas. É válido também observar a reciprocidade que se tem com aquele que se está mediando a aprendizagem, pois a adaptação pode fazer com que a criança coopere em diferentes níveis. Em caso de relação um pouco mais distante ou resistente, é preciso buscar estratégias enfoques interacionistas, focados nas preferências da criança. Entretanto, é preciso respeitar as dificuldades que cada um pode apresentar, pois alguns dos prejuízos provocados pelo Transtorno do Espectro Autista se articulam intimamente com a aceitação da rotina e a comunicação por meio de aparelhos midiáticos, recursos tão valorizados neste novo cenário.

Tendo, finalmente, como base, um experimento, um questionamento e análise a partir das representações das famílias, percebemos as retificações e as mudanças na forma de compreender a questão autista. Toda prática é uma ação social, a qual pode ser definida pelos valores socialmente expostos. Essa maneira de intervir encontra-se estruturada em pilares que envolvem a atualização de conhecimentos e ações do fazer didático, da formação pessoal e do autoconhecimento, a valorização de técnicas e estratégias pedagógicas, além de envolver saberes que intrinsecamente estão ligados diretamente aos

aspectos sociais, comportamentais e de linguagem apresentados no contexto autista.

## REFERÊNCIAS

ALVÂNTARA, A. M.; VESCE, G. E. P. As representações sociais no discurso do sujeito coletivo no âmbito da pesquisa qualitativa. In: **VIII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 2008, Curitiba. Anais. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/724\\_599.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/724_599.pdf) Acesso em: Set. 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)**. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

BBC, **British Broadcasting Corporation**. Notícia de 26 de janeiro de 2020. Coronavírus. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/topics/clmq8rgyyvjt/page/82> Acesso em: 23 de out. 2020.

BBC, **British Broadcasting Corporation**. Notícia de 23 de janeiro de 2020. Isolamento Wuhan. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51309536#:~:text=Wuhan%20est%C3%A1%20isolada%20desde%2023,aconselhados%20a%20ficar%20em%20casa>. Acesso em: 23 de out. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 9057** de 25 de maio de 2017. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm) Acesso em: 14 de out. 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CP n. 05/2020**, de 28 de abril de 2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category\\_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 14 de out. 2020.

BRASIL. MEC. **Portaria n. 343** de 17 de março de 2020c. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> Acesso em: 14 de out. 2020.

BRASIL. MEC. **Medida Provisória n. 934**, de em 19 de abril de 2020a. Disponível em : <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-250710591> Acesso em: 14 de out. 2020.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na escola**: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas. 2ª ed. RJ: Wak Editora, 2013.

CCTV, **China ou China Central Television**. Notícia de 06 de janeiro de 2020. Li Bin, alerta quanto a periculosidade de novas transmissões da doença. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/01/29/coronavirus-tv-chinesa-cancela-transmissao-do-tapete-vermelho-do-oscar.htm> Acesso em: 23 de out. 2020.

FEBVRE, Lucien. **Olhares sobre a história**. Porto: ASA, 1996.

FIOCRUZ. **Fundação Oswaldo Cruz**. 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-que-virus-e-esse> Acesso em: 14 de out. 2020.

GARTON, A. F. **Social Interaction and the development of language and cognition**. Hillsdale, USA: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria C. **O discurso do sujeito coletivo**: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). 2. ed. Caxias do Sul: EDUSC, 2005.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria C.; MARQUES, Maria Cristina C. Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *Ciência e saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.4, p. 1193-1204, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

GÓMEZ, S. L.; TORRES, R. S. R.; ARES, E. M. T. Revisões sobre el autismo. **Revista Latino-americana de Psicología**, v.41, n.3, p.555-570, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000096&pid=S1413-6538201400010000900011&lng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000096&pid=S1413-6538201400010000900011&lng=en) Acesso em; 23 de out. 2020.

MENEZES, C. G. L.; PERISSINOTO, J. Habilidade de atenção compartilhada em sujeitos com transtornos do espectro autístico. **Pró-fono Revista de Atualização Científica**, v.20, n.4, p.273-278, 2008. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000108&pid=S1413-6538201400010000900017&lng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000108&pid=S1413-6538201400010000900017&lng=en) Acesso em: 23 out. 2020

NOGUEIRA, S. E. Autismo e desenvolvimento. In: SEIDL-DE-MOURA, M. L.; MENDES, D. M. L. F; PÊSSOA, L. F. (Org.). **Interação social e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2009. p.191-205.

OMS. **Organização Mundial de Saúde**. 2020. [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875) Acesso em: 14 de out. 2020.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Regulamento Sanitário Internacional (RSI)** – 2020. [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=584](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=584)

7:regulamento-sanitario-internacional-rsi&Itemid=812 Acesso em: 14 de out. 2020.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação**: interação social no cotidiano escolar. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

PARANÁ. **Deliberação N.º 32/2020** de 20 de março de 2020. Disponível em: [http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Deliberacoes/2020/deliberacao\\_01\\_20.pdf](http://www.cee.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Deliberacoes/2020/deliberacao_01_20.pdf) Acesso em: 14 de out. 2020.

SEIDL-DE-MOURA, M. L. Interações sociais e desenvolvimento. In: SEIDL-DE-MOURA, M. L.; MENDES, D. M. L. F.; PÊSSOA, L. F. (Org.). **Interação social e desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2009. p. 19-36.

SILVA, E. C. C. **Autismo e troca social**: contribuições de uma abordagem microgenética. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000143&pid=S1413-6538201400010000900035&lng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000143&pid=S1413-6538201400010000900035&lng=en) Acesso em: 23 out. 2020.

SILVA, M.; MULICK, J. A. Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.29, n.1, p.116-131, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000147&pid=S1413-6538201400010000900037&lng=en](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000147&pid=S1413-6538201400010000900037&lng=en) Acesso em 24 out. 2020.

**UNESCO. Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. 2020.** Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/unesco/>. Acesso em: 14 de out. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Fundamentos de defectologia**. Obras Escogidas 5. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A Formação Social da Mente**. 6.ed. Tradução José Cipolla Neto, Luís S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.